

A CHRYSALLIDA

Organ do Gremio Lyceista Olavo Bilac

REDACTOR CHEFE:--Martins de Oliveira

COLLABORADORES:--Diversos

N. 13

Cuyabá, 30. de Outubro de 1926

ANNO I

Preito da Mocidade Estudiosa do Lyceu ao



Exmo. Sr. Dr. Manoel Paes de Oliveira

Dr. Manoel Paes de Oliveira

De regresso da Capital do paiz, onde estivera em delicada missão do Governo, chegou a esta cidade, no dia 16 do corrente, em companhia de sua exma. familia o exmo. snr. dr Manoel Paes de Oliveira, titular illustre da pasta das Finanças do Estado. Extraordinarias e bem significativas foram as manifestações recebidas pelo distincto viajante, desde que penetrou no territorio mattogrossense.

Essas manifestações são, não ha negar, a prova mais evidente do valimento pessoal do eminente conterraneo e da profunda sympathia que gosa em todos os recantos do nosso Estado o governo esperançoso do dr. Mario Corrêa, do qual é o dr. Paes de Oliveira, um dos immediatos auxiliares.

Nós, que nos associamos de coração ás demonstrações de estima que lhe deram os seus patricios no dia de sua chegada a esta capital, que o admiramos pela robustez de sua intelligencia e aprimorada cultura intellectual; nós que o temos como nosso amigo e como um dedicado protector da mocidade de sua terra, rendemos-lhe esta homenagem inserindo em a nossa pagina de honra o retrato do digno patricio.

Alvares de Azevedo

Como o meteoro que descortina a amplidão com as rajadas cambiantes de luz; foi este byronico filho da Paulicéa que desviveu qual a florinha mimosa que não resistindo o solistício do estio, descora e cai, mas, deixa no ambiente impregnado o nectar do seu perfume ebrioso, como saudade aerea. Revestiu no esfoguar dos seus lampejos febris a literatura patria, com o pallio constellado do seu romantismo, transbordante de doçura e sentimentalismo de sua naturalidade expressiva. A convicção da brevidade da sua existencia, como um veneno corrosivo apoderou-se do poeta, quando nos horizontes das letras lhe desabrochava o sol da gloria, aquecendo-lhe os roseirões do genio, desabrochados em versos. Desde então lamentava o ter-lhe a sorte feixado a vereda da posteridade. No exprimir de Costa Carvalho:

« Deus quiz ouvi-lo :

Deu-lhe um poema no céu — a eternidade. »

E o que resta hoje desse apostolo sublime da poesia? Um nome gravado em indeleveis traços de ouro na assomada

cerulea da historia e a sua lembrança grata a pairar no ameno sentir dos corações. Digamos um sceptico ?

Descrevia scenas de scepticismo ou melhor, escrevia scepticamente, porem não o era. A influencia de Byron, seu poeta do coração, lhe induziu a convicção de que soffria, fez-se desditoso, d'ahi a descrença no seu erudito escrever. Cantou e descreveu com toda a arte de que era dotado, e cultivou, lupa ares, tavernas, vinhos e cognacs, mas, eram imagens fantasticas delineadas naquelle cerebro de fogo, onde milhões de idéas turbilhonando se revolviavam inflamadas.

Não era como Musset, « o sceptico apertando com os braços no peito vasio a corôa secca das esperanças descuradas. » Não; na sua descrença tem sempre um atomo balsamico de arrependimento em que parecia se convencer, como o demonstrou no limiar dos seus ultimos dias. E a Parca implacavel quebrando a cadeia de perola da sua existencia, privou-nos de colher mais sazonados fructos desse engenho uberrimo, que não satisfeito com as investigações no mundo conhecido, iria para maior gaudio da terra que o viu nascer, pesquisar com seus vastos conhecimentos novas palmas de laurea.

Celso d Oliveira.

POCONE'

Continuação

Somente os incautos poderão assimilar as falsas informações que por ventura forem engendradas e transmittidas por almas rachiticas que, desconhecendo ou querendo desconhecer as riquezas exuberantes das terras mattogrossenses, procurem a larva do impatriotismo para della arrancar palavras sarcasticas, cujo objectivo seja depreciar aquillo que ha naquella cidade que — como disse Octavio Cunha — « Antonio João glorifica na consumação do heroismo que enobrece um povo » !

Possuindo ricos minerios, campos verdejantes, terras fertéis, clima saudavel, riqueza pecuaria e variadas fontes de rendas, Pocóné não está á mercê dos sopros da decadencia e sim os vence, sentindo os effluvios do progresso que tanto anima as cidades sulinas !

Não podemos aquilatar quão suave e encantadora é a sensação que experimentamos quando a dois passos do perimetro ur-

bano de Poconé, contemplamos aquelles quadros pittorescos que se estendem sobre as terras poconeanas !..

De Leste a Oeste, de Norte a Sul, quer o aquilão affronte os troncos seculares ou a brisa susurre docemente, quer a secca dê as suas rajadas ou a chuva amenize o ambiente, tudo é alegria, tudo é encanto, tudo demonstra que nas brumas do futuro está a imagem esbelta do progresso e não a desageitada figura da decadencia, que só cochila na alma dos individuos desequilibrados !

Nas mattas robustas, cantam as aves e ruminam os veados; nos campos pantanosos, mugem o gado e vôm as garças que exhibem niveas plumagens; nas estradas carroçaveis, rodam as viaturas.

* *

As terras poconeanas, dos seroados aos pantanos, tanto delectam o homem, como fructificam o seu trabalho, pois, junto aos sitios que nos offercem admiraveis paisagens, vicejam portentosos campos em que medram paulatinamente a lavoura, a criação de gado e consequentes industrias.

Pocóné não se acha immerso na modorra, porque ao som do canto orchestral de aves maviosas, surge o trabalho bemfeitor...

Assim, aqui, labutam os camponezes que, sem outros instrumentos que não sejam o machado, a foice e a enxada, sulcãm esforçadamente a terra e plantam cereaes; alli, viajam carroças e auto-caminhões que fazem transporte de cargas; acolá, mourejam destros vaqueros que rebanham as suas criações; enfim, tanto fóra como dentro da cidade, cruzam-se os negociantes e agitam-se os proletarios.

Essas manifestações de actividade attestam que todos lá, fartamente recompensados, trabalham para o pão quotidiano, notando-se que somente os verdadeiros invalidos vivem sob a protecção da caridade popular.

Sob o ponto de vista industrial Pocóné deixa muito a desejar, entretanto, apresenta-nos: grandes fazendas povoadas de gado vaccum e cavallar; uma possante e bem montada usina, onde se fabrica assucar e alcool; outra usina destinada ao beneficiamento de arroz e unida a um engenho; xarqueada e outros estabelecimentos mais rudimentares.

Apezar do seu desenvolvimento que lhes promete risonho futuro, alguns desses nucleos productores podem soffrer ameaças de asphyxia pela carencia de braços e pela falta de facil comunicação com os centros consumidores, pois, os braços e carretos

consomem quasi toda a renda dos pequenos industriaes.

Contudo, Poconé exporta, annualmente, milhares de rezes, arrobás de plumas, couros, assucar (cuja primeira sahida data deste anno) e outros productos, e, ao mesmo tempo, importa o necessario para o abastecimento do commercio local.

A Municipalidade de Poconé não mantendo agentes-fiscaes por fóra da cidade, muitos dos melhores productos do lugar, exportados clandestinamente por varios mercadores e ora por uma, ora por outra estrada; não deixam os respectivos impostos. e disso gera o pouco progresso daquella cidade, á qual querem, erroneamente, attribuir um estado de decadencia ou de estacionamento.

Mas, mesmo se fosse verdadeira essa affirmativa inadmissivel, não nos emoreceriamos, porque uma cidade não é como o organismo humano; este, chegado a uma certa idade, estaciona-se e caminha infallivelmente para a morte, ao passo que uma cidade pode estacionar-se, mas, recebendo luz e calor, pode ainda alcançar um progresso immorredoiro.

(Continúa)

Outubro—1926.

Bonifacio Cunha.

O CHICO ESTA' virando...

Dicto era um pretinho de seus 12 annos mais ou menos, crioulo da fazenda do Cel. Piadas e que ainda acreditava na existencia do lobishomem.

Deitado em confortavel rede, sob a sombria folhagem de frondosa mangueira, o Cel. chama o pretinho para se distrahir com as suas lérias de basbaque.

—Dicto, existê lobishomem? perguntou-lhe o Cel.

—Existe, sim sinhô! responde o pretinho com convicção.

—Pois existe mesmo, confirma o Cel. com a carranca fechada; e não sabes que os lobishomens são gente cumprindo fadario...?

—Já uvi dizê... responde o Dicto pensativo; uvi dizê que ha alguns home que *vira* mêmo lubishome.

—Pois olhe, o meu cunhado é um dos taes que viram: não vêes que elle é tão amarelo? Em um destes dias, quando eu voltava da cidade, ao passar pelo seu rancho, o avistei vestido de Adão. Fui-me approximando d'elle, e, imagine a minha surpresa ao ve-lo de repente dar três cambalhotas, levantar-se na fórmula de um cachorro, dá altura de um

bezerro desmamado e com duas orelhas deste tamanho... dirigiu-se a um gallinheiro que ficava ao meu lado. Ah! não esperei mais nada! finquei a espora no animal e numa disparada, sem olhar para traz, cheguei até aqui.

Depois dessa conversa com o Cel., o caboré não podia estar socegado perto do cunhado Chico; qualquer movimento que este fazia, já o Dicto recuava arregalando os olhos com medo que elle se transformasse em lobishomem.

Um dia, como de costume, o Dicto levava o café com a mistura para o cunhado Chico, e, ao approximar-se do lugar onde elle trabalhava, ouviu gemidos sahidos de uma moita que se agitava fortemente. (Era o Chico que se saracoteava todo, tomado de uma forte colica, pois era muito doente, soffria de amarellão.)

Dicto, bestializado, jogou a bandeja de café que foi cahir em cima do cunhado e numa carreira desabalada em direcção á casa, gritava como um louco:—*o Chico está virando!!*

Nisto o Chico levanta-se e corre atraz do Dicto a pedir-lhe socorro, chamando-o repetidamente: espere ahi Dicto... ó diacho!

O pretinho mais assustado ainda, salta a porteira como um macaco e chega em casa com meio metro de lingua pr'a fora, quasi sem poder contar direito o caso. O Cel. então, procurando acalma-lo, conta-lhe a verdade, mas, o pretinho estava mesmo tão crente, que não lhe deu ouvidos.

Nessa noite o Dicto não dormiu.

CORLHO.

(Do 3.º anno)

Atravéz da historia

Além d'aquelle penedo, onde ainda tremula a bandeira da paz, desliscou-se como um regato o sangue de diversos brasileiros, que tanto trabalharam pela defesa da nossa Patria. Ao desfolhar as paginas da nossa historia—patria, vêm selado a lado, as physionomias sorridentes destes illustres brasileiros, que, de espada em punho combateram heroicamente sem temor das balas inimigas. Esses intrepidos luctadores são o espelho mais claro e scintilante para todos os brasileiros. As historias dos grandes feitos são as mais bellas e estimadas por todos os patriotas, porque são ellas que enobrecem o espirito e a alma da juventude! Vejámos o heroico defensor

cuiabano Antonio João Ribeiro que em Dourados, com um numero muito inferior ao dos inimigos, elle e os seus companheiros, enquanto não cahiram atravessados por uma bala inimiga, não deixaram de defender este immenso e querido Paiz que tanto nos orgulha por tel-o como patria.

Não seria preciso reviver aqui os nome de todos os heróes, cujas bravuras estão registadas em nossa historia para sempre. Alguns morreram, mas, com o seu peito coberto de medalhas por darem os seus ultimos suspiros cumprindo os seus principaes deveres de patriotas.

Sejámos, pois, dignos da memoria desses illustres defensores, cujos restos mortaes jazem no fundo da campa nua e sorriem nas paginas da nossa historia?

Aristeu Leite de Souza.

(Do 1.º anno)

Prof. Cesario Neto

E' com o maior prazer que registamos a passagem faustosa do natalicio do nosso mui querido professor Cesario Neto, que se celebra hoje.

Moço do mais esperançoso futuro, elle já tem conquistado em o nosso meio intellectual, a mais entusiastica admiração dos seus coestadoanos.

Pela sua sympathia e competencia, que vem revelando no curto periodo de magisterio, foi alvo de justa e merecida homenagem de seus alumnos.

"A Chrysallida" associando-se a esta manifestação de apreço, envia ao anniversariante, sinceros votos de felicidade.

D. Aquino Corrêa

Depois de um periodo glorioso, em que só conquistou palmas na capital da Republica, eis que torna a sua terra natal trazendo-lhe aos mãos cheias de louros, o exmo. e revdmo. sr. d. Aquino Corrêa, o bispo-poeta que Cuyabá inteira admira e venera.

A mocidade do Lyceu Cuyabano vae se associar ás justas manifestações que se estão promovendo para recebê-lo, tendo já escolhido para orador e interprete, o talentoso quarto annista Benjamin Duarte Monteiro.

Irmãos Miraglia
joias e relógios.
Rua 13 de Junho n. 10,
telephone n. 244.

A CHRYSALLIDA

Publicação quinzenal -- Redacção: Rua 1.ª de Março 20

Preço de um numero: 300 réis.

Trimestre: 1\$500

Collaboração feminina

A traição

Lyria Braga de 17 annos, morena, olhos grandes, cabellos pretos e crespos, filha do commendador Braga, era uma moça de mão caracter, leviana, muito exagerada na moda, emfim, a moça, criada com muitos mimos e muito cheia de vontades. Amiga inseparavel de Aurea Dantas.

Aurea tinha o genio completamente diverso do de Lyria; bastava dizer que era u a moça verdadeiramente catholica, despidida de vaidades e orgulho, muito instruida, creada sobre o dominio de seus paes.

O Snr. Manoel Dantas, pae de Aurea era secretario do Commendador Braga.

No dia em que Aurea completava 18 annos, foi pedida em casamento pelo medico da Beneficencia Portuguesa, Dr. Fernando Noronha. O pedido foi u ma verdadeira alegria para todos, tanto para os paes de Aurea como para o commendador Braga, padrinho d'ella. Somente os que não ficaram satisfeitos com o pedido foram Lyria e sua mãe. D. Liberata achava que a filha era mais bonita e rica e portanto devia casar-se primeiro que Aurea.

Lyria enciumada por sua amiga ter sido pedida em casamento, urdiu um plano para seduzir o noivo de Aurea.

Todas as tardes Lyria esperava o Dr. Fernando sair da casa de Aurea e ficava conversando com elle, offerecia-lhe flores, convidava-o para jantar em sua casa. Dr. Fernando, muito delicado e julgando Lyria verdadeira amiga de Aurea, accedia a todos os convites e acabou gostando de Lyria não só por ella ser bonita como também por ser rica.

Já a algumas semanas Aurea vinha notando uma certa differença em seu noivo, parecia que elle já não a amava como antes, quando um dia elle deixou de ir a sua casa. Aurea, aborrecida foi com sua mãe visitar os padrinhos, quando deparou com seu noivo e sua amiga juntos.

A principio não quiz acreditar, mas depois viu que seu noivo

nem sequer a cumprimentou e que sua amiga a olhára de um um modo ironico. Permaneceu alli alguns momentos e depois dirigiu-se para casa muito desgostosa.

Chegando lá t. mau a benção de seus paes e echando-se em seu quarto, cahiu de joelhos em frente á imagem de Maria Santissima e pediu-lhe com todo fervor que lhe desse coragem para supportar a traição de seu noivo e sua amiga.

No dia seguinte, Aurea levantou-se mais cedo; estava pallida, tinha os olhos fundos, notava se que estava verdadeiramente abatida. Dirigiu-se para o escriptorio de seu pae e pediu-lhe que fosse avisar ao Dr. Fernando que o seu casamento estava desfeito.

O Snr. Dantas, respeitando a dor de sua filha, não lhe disse nada e foi satisfazer o seu desejo.

O Dr. Fernando levou um grande choque. Não pensou que Aurea tivesse tanto amor proprio. Desgostoso, deixou de ir a casa de Lyria. Mas, Lyria continuou a procura-lo até que elle voltou e tres mezes depois a pediu em casamento.

Aurea que amava sinceramente seu noivo, desgostosa com a traição d'elle, abandonou este mundo de illusões e entregou-se verdadeiramente a Deus.

No dia em que se celebrava com toda pompa o casamento de Lyria com o Dr. Fernando, Aurea entrou para o convento, para receber o melhor dos esposos que é Deus.

AIVLYS.

Partida para o tiro

As tres horas, instante em que a lua pallida e fria desenhava no horizonte clarões diffusos, ouvi bater á porta. Abria, vi Crescenteio, calmo e sereno a mirar o pallido céu.—Vamos ao tiro. O sino da matriz marcará em breve a hora da partida; disse-me. Com os olhos semi-cerrados na suavidade da preguiça, vesti-me.

Uma docura divina enchia a natureza virgem. Ao longe, muito ao longe, pequenas estrellas irradiavam com pyrilampos. Partimos! Oh! como nessa hora é doce o olhar das estrellas em ei-go o sorrir da pallida donzella em toda a sua claridade de virgem!

Adeante de minha casa, um cachorro pelludo uivava. O uivo de tão innocente animal, despertou-me no coração. recordações extinctas. Bemditas recordações! Chegamos á sede do Tiro do Lyceu.

Meia hora depois nos achavamos em fôrma, com o fuzil em bandoleira. Abrimos a marcha. A lua numa apothese magnifica descia silenciosa o horisonte.

Dirigimo-nos ao "Paiol da Polvorã" e que surpreendente encanto nos offerece a natureza por essas paragens. Os resedás campestres perfumavam o ar sombrio e puro, despertando nos nossos corações, sensações estranhas. Tudo era poesia, tudo era flôr! Em cada moita uma ave levantava o vôo e subia cantando, como cantando sobe o anjo, até desaparecer nas solidões infinitas. O sol, qual cabeça ensanguentada, tingia o horisonte de um clarão sanguineo, phosphorecente. Amigos e admiradores de Molina, reunidos como n'um sonho, nós o ouviamos saudar com uma encantadora poesia de Guerra Junqueiro a volta desse astro sublime.

Os versos jorravam dos seus labios, confundindo-se com os suspiros que do nosso peito fugiam, cheio de fogo e entusiasmo. Ouviam-se estampidos de tiros, que se iam quebrar n um soluçante gemido nas encostas visinhas. Faz-me estremecer, quando me lembro d'esse calmo retiro, onde palpitam os corações juvenis. Retiro de poeta, diria Alvares de Azevedo. Oh! deixai-me dizer como Castro Alves:

« Oh! eu quero viver, beber perfumes
« Na flor silvestre que embalsama os ares,
« Ver minha al a adejar pelo infinito,
« Qual branca vela n'ampidão d's mares.

Ambrosio.

QUESTÕES

As nossas questões suspensas por dois numeros, surgem agora de novo, desta vez, ante os 2º anistas, com olhos fuzilantes de Espingue.

Surgirá, logo, assim o cremos, o Edipo que ha de desvendar o enigma e quebrar-lhe o encanto.

- 1) Quantos eram os deuses da antiguidade?
- 2) Como se reproduzem os sapos?
- 3) Como surgiu a cavallaria andante?
- 4) Que applicações se podem fazer do guarda-sol?